

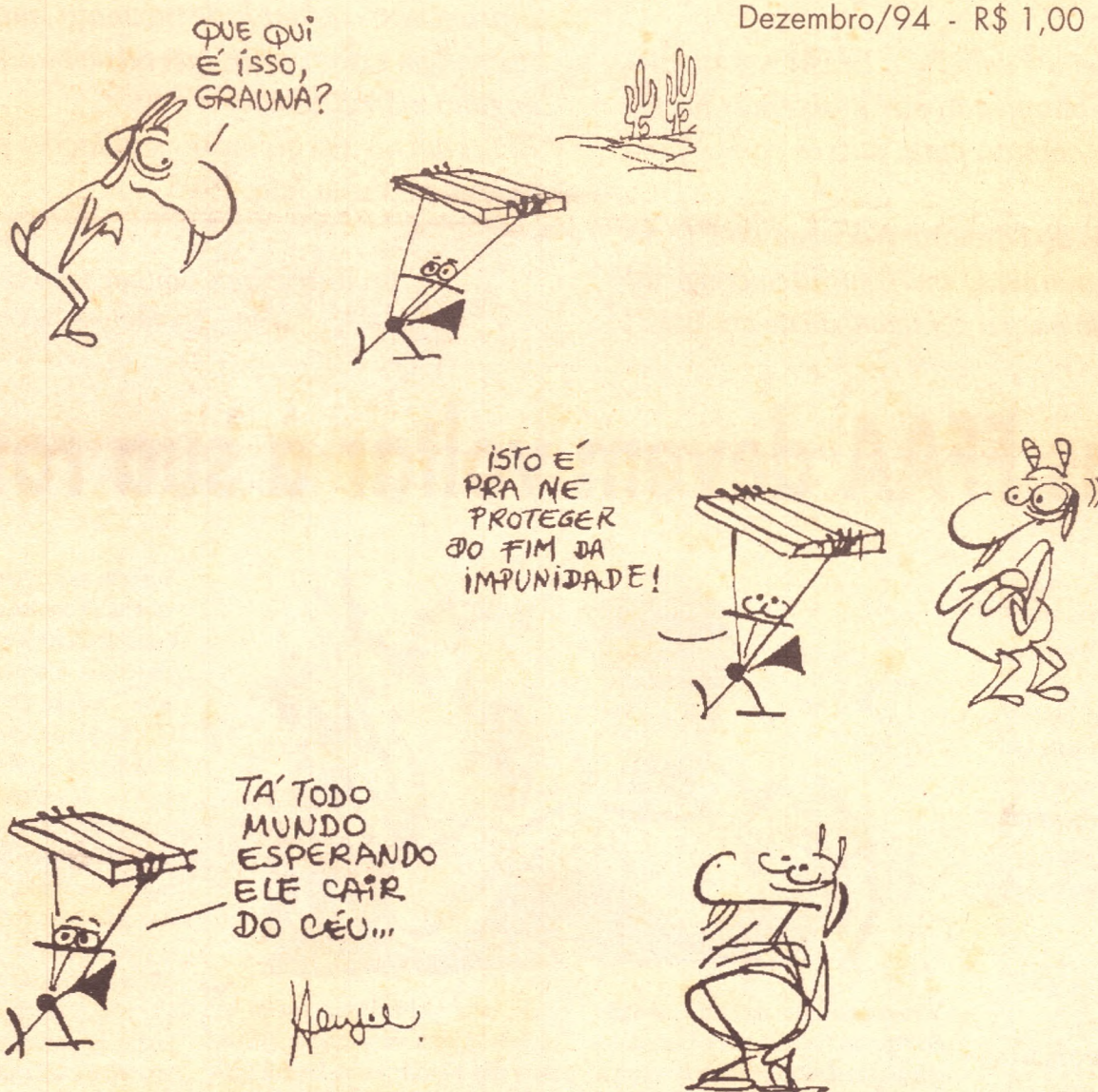
SECRETARIA NACIONAL
DE COMUNICAÇÃO DO PT

EDIÇÃO

ESPECIAL



Dezembro/94 - R\$ 1,00



Henfil mais atual
do que nunca.

Esta é uma das 13
tiras do cartunista,
que ilustram a
agenda 95 do PT.
O Partido se
prepara para
comemorar, a partir
de fevereiro, 15
anos de lutas bem
vivas.

Nesta edição, a intervenção no Rio de Janeiro, a
refiliação, o seminário de avaliação da campanha e a
posição frente ao novo governo

carta ao assinante

Esta Edição Especial é uma publicação ocasional, o que não quer dizer que seja uma publicação de ocasião.

Ela ocupa um lugar. De um lado, o de evitar o vazio na imprensa ligada ao Partido dos Trabalhadores no plano nacional, informando a avaliação em curso no DN do último resultado eleitoral e outros temas conexos. De outro lado, a publicação é uma satisfação aos assinantes do Brasil Agora.

Isso porque, como é sabido, o Brasil Agora teve sua circulação bloqueada por problemas financeiros que são, como sempre nesses casos, problemas políticos.

A última reunião do Diretório Nacional do PT, em novembro, procurou ainda uma solução emergencial de financiamento para a continuação de um Brasil

Agora reestruturado e ajustado, o que infelizmente não pode se materializar até dezembro. Os leitores do Brasil Agora, e também do Boletim Nacional, recebem assim nossas explicações. Particularmente os assinantes do Brasil Agora têm reconhecido seus direitos, que serão contemplados numa proposta a ser apresentada na seqüência pela direção partidária.

Apesar das brisas de impunidade collorida que sopram nestes tempos de tucanato, nossos leitores podem estar certos que nós não aderimos ao engano e ao calote.

Recebam nossas melhores saudações petistas de um ainda assim feliz 1995.

Markus Sokol

Secretário de Comunicação da Comissão Executiva Nacional do PT

Rio: "as FFAA devem voltar à sua rotina"

A ação das Forças Armadas no combate ao crime organizado nos morros cariocas já extrapola seu prazo inicial — até 30 de dezembro — e poderá se prolongar por mais alguns meses, admite o Comando Militar do Leste, responsável pela operação.

Nos últimos dias, denúncias de torturas e violação dos direitos individuais começaram a surgir nas páginas dos principais jornais do País. Preocupada com esta situação, que altera o papel constitucional das Forças Armadas, a Comissão Executiva Nacional do PT adotou a seguinte resolução:



“O agravamento da criminalidade no Rio de Janeiro transformou-se em uma realidade insuportável para a imensa maioria da população. Este fenômeno é decorrente não somente do agravamento da situação social nestes últimos anos, como da passividade dos governos diante do crime organizado, quando não da aberta promiscuidade entre a polícia e a criminalidade. Grande parte dos meios de comunicação embarcou em uma histérica

campanha publicitária a fim de justificar uma intervenção autoritária das Forças Armadas em uma questão que é da alçada policial e atingir objetivos eleitorais. A participação das FFAA em operações para as quais não estão destinadas constitucionalmente nem preparadas tecnicamente, ameaça arrastar Exército, Marinha e Aeronáutica para enfrentamentos mais violentos que vitimarão mais a população que os criminosos.

Surgem as primeiras denúncias de violência contra a população civil e são evidentes os casos de envolvimento sobretudo no roubo de armas privadas das FFAA.

O “choque de autoridade”, que tantos exigem, só virá quando as polícias — devidamente saneadas — estiverem equipadas efetivamente para enfrentar o crime organizado, mas, sobretudo, quando o Estado assumir suas responsabilidades e implementar as políticas sociais que as maiorias exigem.

Para não serem desmoralizadas, como ineficazes, e para que não apareçam associadas à violação do Estado Democrático de Direito, as FFAA devem voltar a suas ocupações rotineiras.

O governo federal e os governos estaduais devem assumir conjuntamente suas responsabilidades para combater implacavelmente o crime organizado que atinge a todos brasileiros, sobretudo os trabalhadores e os pobres.”

EDIÇÃO ESPECIAL

é uma publicação extra da Secretaria Nacional de Comunicação do Partido dos Trabalhadores — Rua Conselheiro Nébias, 1052 — CEP 01203-002 - São Paulo/SP — Fones (011) 223.7999/7904 — Fax: (011) 222.9665. **Secretário de Comunicação** Markus Sokol; **Secretário Adjunto** José Américo Dias; **Jornalista Responsável** Marisa Lourenço MTb 18.321; **Colaboradores** Myrian Alves, Tatau Godinho, Clara Ant e Roney Lopes; **Editoração Eletrônica** William Aguiar; **Expedição** Davi Silva; **Impressão** CentralPrint.

O PT e o governo FHC

“O PT atuará coerente com a defesa dos interesses populares e os compromissos programáticos que marcam nossa tradição democrática.

Para tirar o País da crise, construir uma estabilidade duradoura, são imprescindíveis reformas estruturais e a constituição de um novo modelo, com desenvolvimento, distribuição de renda e o fim da exclusão social.

Opomo-nos ao projeto conservador do neoliberalismo que o discurso dominante pretende impor ao País. Sabemos do elevado custo social, econômico e político para o Brasil do ajuste estrutural proposto pelo FMI — mesmo que travestido de intenções modernizadoras.

Por isso, o PT é oposição ao governo FHC. Nossa oposição será pautada, como sempre, pela apresentação de alternativas e pela disputa de propostas concretas — na sociedade, no Executivo e no Parlamento. Por isso, o PT não participará do novo governo federal nem nos estados em que, porventura, tenha apoiado outros partidos ou frentes de partidos no segundo turno. As eleições asseguraram ao PT o governo e a participação em importantes Estados da Federação.

O PT e nossos militantes envolvidos nestas relevantes experiências estão comprometidos com os esforços para inovar a administração pública, inverter prioridades, valorizar a cidadania e contribuir para o processo de mudanças estruturais em nosso país. Na oposição, o PT conclama os partidos do campo democrático-popular, as entidades democráticas e as organizações sindicais e populares a debaterem uma ampla agenda de reformas, que poderá resultar numa plataforma de ação comum para

Reunida na segunda-feira, dia 5 de dezembro, a Comissão Executiva Nacional do PT emendou o texto-base apresentado na última reunião do DN, de 26 e 27 de novembro. A oposição ao governo FHC seguirá essas diretrizes.



Foto: Luiz França

orientar nossas iniciativas frente ao futuro governo.

As alterações na Constituição Federal deverão ser realizadas pelo processo atual: 3/5 dos votos na Câmara e no Senado.

Assim, propomos a seguinte pauta:

1. O combate à inflação tem sido e será uma das preocupações fundamentais do PT. Mas a estabilização econômica só poderá ser alcançada se estiver vinculada a um programa de reformas estruturais que visem o desenvolvimento e a distribuição de renda. Isto exige um combate aos privilégios dos oligopólios e à especulação financeira. A inflação só pode ser controlada com a intensa participação da sociedade através de negociações — dentre elas as Câmaras Setoriais — que permita definir socialmente políticas de preços, impostos, salários e emprego, na perspectiva da expansão dos postos de trabalho e do aumento do poder

aquisitivo dos trabalhadores;

2. Reforma Tributária e Fiscal, com o objetivo de assegurar maior racionalidade econômica e mais justiça social ao sistema tributário. Defendemos a simplificação e desburocratização da vida dos contribuintes. A carga tributária sobre as pequenas empresas e os assalariados deve ser reduzida, bem como a implantação do imposto sobre grandes fortunas e demais impostos sobre a riqueza (IPTR, Herança e Doação), para assegurar a progressividade da nova estrutura; Finalmente, é decisivo o combate à impunidade dos sonegadores, através do reaparelhamento da Receita Federal e agilização dos processos e cobranças jurídicas;

3. Reforma do sistema público de seguridade social que resgate seu caráter público e universal. Eliminar privilégios, racionalizar o sistema, combater a sonegação, acabar com o desperdício devem assegurar a

reversão deste processo de desmonte e degradação com vistas à privatização;

4. Implantação do contrato coletivo de trabalho, nacionalmente articulado que represente um efetivo avanço nas relações de trabalho, impedindo a flexibilização dos contratos individuais, que garanta os direitos sindicais, direito de greve e organização sindical nos locais de trabalho, acompanhado de um novo Código Nacional de Trabalho que resgate os direitos adquiridos;

5. Política nacional de geração de empregos, com redução da jornada de trabalho;

6. Salário mínimo que recupere o poder aquisitivo, conforme projeto aprovado na Comissão do Trabalho da Câmara dos Deputados;

7. Programa de Garantia de Renda Mínima, conforme programa de governo do PT;

8. Combate ao processo de privatização e defesa dos monopólios estatais estabelecidos na Constituição de 1988, com reformas que garantam uma ampla democratização e controle social das estatais;

9. Defesa dos serviços públicos. Combate à privatização crescente dos sistemas de educação e saúde e reversão do seu sucateamento;

10. Fim da violência contra os trabalhadores rurais e assentamento imediato das famílias acampadas;

11. Campanha nacional pela democratização dos meios de comunicação, com propostas de reformas legais e mobilização da sociedade civil;

12. Valorização do processo legislativo com o fim do regime autocrático de governar por medidas provisórias.”

Seminário nacional avalia campanha Lula

Realizado no auditório do Colégio Caetano de Campos, em São Paulo, o Seminário Nacional de Avaliação da Campanha Lula-94 reuniu no dia 25 de novembro aproximadamente 70 pessoas. Entre elas, coordenadores das campanhas nacional e estaduais, representantes de comitês setoriais, economistas, intelectuais, parlamentares e dirigentes do Partido dos Trabalhadores.

Participaram, também, o candidato da Frente Brasil Popular à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato da Frente Popular Gaúcha, Olívio Dutra e os candidatos ao governo do Paraná, Jorge Samek, de São Paulo, José Dirceu e o de Minas Gerais, Carlão, entre outros.

O Seminário foi dividido em três mesas de discussões: "Construção da Campanha Lula", envolvendo a estratégia de campanha, Caravanas da Cidadania, política de alianças, articulação com os movimentos sociais e a preparação do Programa de Governo. No tema da segunda mesa — "Os discursos da Campanha" — o debate englobou a articulação das propostas estaduais e nacionais, o Plano Real e seu significado na eleição, respostas da candidatura Lula, cultura, ideologia e meios de comunicação. Na mesa 3 — "Organização e Condução da Campanha" —, foram debatidas a legislação eleitoral, eleições casadas e a participação da militância na campanha.

Das mesas de debate participaram Marco Aurélio Garcia, André Singer, Rui Falcão, José Dirceu, José Genoíno, Gilberto Carvalho, João Machado, Jorge Mattoso e Aloízio Mercadante.

O presidente nacional do PT, deputado Rui Falcão, abriu o Seminário lembrando a importância de se extrair lições da derrota eleitoral. Ele usou a expressão do coordenador do Programa de Governo de Lula, Marco Aurélio Garcia: "a forma como um partido se comporta frente à vitória, mas sobretudo diante da derrota, demonstra sua grandeza ou sua pequenez".

"O caminho da vitória não passa por adocicar o PT"
(Rui Falcão)

Além de diagnosticar os erros da campanha, é preciso analisar o papel fundamental dos meios de comunicação na vitória de FHC. A descaracterização do debate programático por parte dos adversários e da mídia, a subestimação dos adversários e o não aproveitamento mais organizativo das caravanas são alguns pontos que contribuíram para a derrota. A renovação dos laços do partido com os movimentos popular e sindical, o papel de Lula no próximo período

e os governos estaduais do PT que, junto às prefeituras, fortalecem o modo petista de governar são pontos a serem debatidos com a sociedade na construção do partido e das candidaturas de 98.

"No cenário de crise, projetamos o caminho da vitória de Lula"
(José Genoíno)

A construção da candidatura popular foi projetada num cenário de crise e não foi esse o cenário que nos derrotou. O trabalho com a candidatura se deu em torno da denúncia, de fazer as reformas ne-

cessárias com a vitória. Como o povo estava no desânimo, tudo era negativo e o povo queria a esperança. Nós tínhamos a proposta de uma sociedade melhor. O discurso da classe dominante, aproveitando a esperança, fez a proposta de reformas sem susto. E o Real, mais que uma uma solução econômica, entrou no imaginário popular. A construção do discurso também teve problemas — como o "Lula lá e fulano aqui". Era preciso ter a compreensão de que este país é complexo: as situações regionais, as oligarquias não foram discutidas. O Programa de Lula trabalhou mais com soluções teóricas que concretas para um país concreto. Chegamos no teto. O país estava preparado para o debate entre esquerda e centro esquerda. Existe uma cultura no partido que passa por todas as correntes que resistem a isso.

"Socialismo — esse morto vivo que nos acompanha"
(Zé Dirceu)

Se o PT quiser ser governo, tem de propor a democratização dos meios de comunicação da mesma forma que propõe o debate político, a proposta de distribuição de renda e reforma agrária. Já que a miséria é forma de domínio da população, é preciso propor uma revolução político-cultural. Apesar de o PT estar a mil anos luz dos outros, ele não chega a ser um partido. São questões estruturais, de organização.

É preciso enfrentar a questão do socialismo — esse morto vivo que nos acompanha. Morto porque o que era socialismo morreu e vivo porque tem as propostas humanistas. No imaginário popular, o socialismo é entendido a partir dos exemplos de Cuba, Coréia, ex-URSS. Se o PT é social-democrata tem que dizer que é ou então vai dizer qual socialismo propõe. Essa resposta nós vamos ter de dar. Temos de procurar o que têm em comum nas políticas de tendências. Problemas que contribuíram para a derrota não podem ser creditados a alianças não feitas e nem ao aspecto programático. Para ganhar eleição é preciso ter um sindicalis-



Fotos: Luiz França

mo forte, atuante, incorporado. Não podemos aceitar a imposição de desatrelar uma coisa da outra. A Fiesp, a Febraban assumem seu candidato.

"Tudo que aconteceu nessa campanha era previsível um ano antes"
(Oded Grajew)

A debilidade operacional e a falta de profissionalismo nortearam o cotidiano da coordenação da campanha. Tudo que aconteceu era previsível um ano antes — nós é que não soubemos nos preparar. Isto engloba o Real, xiitas e radicais, meios de comunicação e governo. Da parte do PT, faltaram respostas. Outro problema foi a desconexão entre candidato e coordenação da campanha. O PT tem condições de ser um partido mais rico se for conduzido profissionalmente e não politicamente.

"A eleição foi ganha pelo Plano Real"
(André Singer)

O PT não tinha como ganhar a eleição em 94. Ela foi ganha pelo Plano Real e o erro foi em relação a sua avaliação. Acabar com a inflação era a questão principal. É preciso estudar eleição por eleição. A maioria do eleitorado brasileiro é de direita e em 94, aparentemente, Lula conseguiu penetração nas camadas mais pobres, ao

bém não conseguiu atingir um potencial eleitoral necessário para levá-la ao segundo turno. Nesse sentido, a resolução adotada no 9º Encontro do PT não foi acertada. O programa de FHC prevê a desconstitucionalização do país. O caminho do PT deve ser o da oposição.

não consegue ficar fora de governo. Um partido como o PT deve fazer parte do cotidiano das pessoas comuns — é preciso fazer uma ponte com quem vem atrás (a juventude). Olívio Dutra, tão logo acabou sua gestão, assumiu novamente sua função no banco. Quando ele faz isso, ele dá credibilidade ao discurso.

Nosso discurso com os movimentos sociais foi tímido, no limite que a direita nos impôs — não houve o envolvimento do movimento sindical como deveria ter havido.

"A imprensa brasileira virou um partido político"
(Lula)

Dezenas de outros fatores pesaram na campanha. Temos erros e são muitos, mas o problema é que o adversário venceu. Quando FHC foi para o Ministério da Fazenda, já era candidato a presidente e talvez nem o PSDB soubesse disso. Em relação ao Real, eles também ficaram surpresos com sua aceitação. É impossível discutir a campanha presidencial sem discutir os estados. Quero construir uma utopia, mas não sei qual é o socialismo que eu quero.

"Nossos adversários não estão entre nós"
(Olívio Dutra)

Assumir que fomos derrotados por causa dos nossos erros é assumir o que colocam contra nós. A sociedade vê no PT a proposta de mudança, a força da mudança, mas essa força não pode dançar conforme a música. Os artigos publicados por petistas na grande imprensa são publicados porque falam mal de nós. "Escreventes" de outros partidos falam da sociedade, do mundo em geral, não de seus partidos de forma crítica negativa.

"O PSDB era o adversário do PT"
(Paulo Nogueira Batista Jr.)

Não é nenhuma surpresa o que aconteceu com o PSDB (em relação à aliança com o PTB e o PFL). As lideranças deste partido vêm há



contrário do que ocorreu em 89. Por mais que houvesse profissionalismo na campanha, não seria invertido o resultado. Talvez com mais profissionalismo fosse possível chegar ao segundo turno.

"Perdemos a nossa cara"
(Laerte Meliga)

No caso Bisol, por exemplo, o PT se tornou refém dos meios de comunicação. Mas, o maior problema começou durante o 9º Encontro do PT. Ali, o clima era o de já ganhou. Nas caravanas, não soubemos organizar o partido. O Fernando Henrique fez discurso de oposição denunciando a situação da saúde, educação como se ele não fosse governo.

"Perder uma eleição é ruim, mas perder a identidade é muito pior"
(Markus Sokol)

Dava para ganhar. Se FHC e o Real não tiveram o voto da maioria dos eleitores, a candidatura Lula tam-

"A candidatura se deixou surpreender pelo impacto da nova moeda"
(João Machado)

A dificuldade era muito grande, e não podemos ter certeza se era possível ou não evitar a derrota. Mas é mais razoável supor que um tratamento mais seguro da questão da inflação, do Plano Real e das nossas alternativas, bem como de outros aspectos da campanha, poderia ter garantido o segundo turno, e que aí o quadro seria menos desfavorável.

"O PT pratica valores da sociedade que ele combate"
(Hamilton Pereira)

O PT não definiu uma proposta de cultura e sociedade. A política é a expressão da cultura que trazemos. O PT pratica valores da sociedade que combate.

De uns tempos para cá vemos no PT atitudes como as do PPR, que

muito tempo se encaixando em propostas comodistas e conservadoras. Antes da formação das coligações, o PSDB já era o adversário do PT.

"Deixamos de bater no Real desde o primeiro momento"
(Odilon Guedes)

O PT se ilude com a elite brasileira, que tem no PSDB seu instrumento. Seria um grande engano acreditar que numa aliança entre PT e PSDB, eles dariam a candidatura à presidência da República a Lula. Temos de falar quem perde e quem ganha com o PT. É preciso demarcar campo político.

"Foi a militância que conseguiu os 27% dos votos para Lula"
(Aloízio Mercadante)

Essa eleição enterrou o projeto nacional-desenvolvimentista. É fundamental sair desta campanha com propostas. A Lei Eleitoral, por exemplo, foi um torpedo contra o PT feito com muita antecedência. O papel dos institutos de pesquisa e o problema das eleições casadas também são situações a serem estudadas. Apesar de tudo isso, a militância ainda conseguiu 27% dos votos para Lula. São milhões de pessoas que acreditam na gente. As pessoas não militantes que se engajaram nas campanhas nacional e estaduais devem ser conquistadas pelo partido.



15 anos

Adquirir a sua no
Diretório
Nacional
do PT
Rua Cons.
Nébias,
1052 —
Campos
Eliseos — CEP 01203-002 — São
Paulo/SP. Fone: (011) 223.7999

AGENDA PT-95

Decidida campanha de filiação

Há vários anos se discute a necessidade de empreendermos uma grande reestruturação organizativa no Partido. Nesses últimos anos o PT cresceu, ampliou o número de seus filiados, aglutinou uma grande quantidade de simpatizantes e atingiu novos setores. Entretanto, do ponto de vista nacional não se alterou no fundamental a organização de nossas filiações. Embora já tenhamos feito algumas campanhas de recadastramento dos filiados do PT, nenhuma delas resultou em uma atualização efetiva do quadro de filiados do Partido.

Por uma relação permanente

É um consenso entre nós a importância do Partido manter uma relação permanente com seus filiados. Um Partido de massas como o PT precisa de filiados localizáveis. Esta questão se tornou importante devido à legislação eleitoral que obrigou o PT a uma filiação guardada pelos cartórios eleitorais e sobre a qual

o Partido não tem nenhum controle. Há alguns anos trabalhamos com um número de 800 mil filiados. Este número se aproxima do esforço coletivo que realizamos desde a fundação do PT que, de maneira cumulativa, tornou-se um patrimônio do Partido. No entanto, também é um consenso entre nós que um Partido de massas com filiados localizáveis é um primeiro passo para a revolução organizativa que devemos empreender.

Filiados que tenham uma vida partidária ativa, participem dos grandes debates e decisões do Partido, acompanhem a imprensa partidária, compartilhem no seu trabalho e na sua atividade social das propostas que fazem parte da agenda do PT e que se comprometam efetivamente com a sustentação financeira do Partido. Saber não apenas quantos somos efetivamente, mas também identificar nosso perfil social, regional, criando condições para trabalharmos melhor todo o potencial e as debilidades

do partido.

Renove seu compromisso com o PT

O Diretório Nacional na sua última reunião de 94, aprovou a realização de uma Campanha Nacional de Filiação e Refiliação que deverá ser um marco dos 15 anos do PT. A abertura oficial da Campanha será no dia 10 de fevereiro e durante todo o primeiro semestre, realizaremos uma série de atividades que promovam a filiação de toda uma camada de pessoas que se aproximaram do PT e ainda não assumiram o compromisso formal da filiação e um processo geral de renovação do compromisso dos antigos filiados.

Os novos prazos

Até o dia 11 de maio é o prazo dos novos filiados para participarem dos Encontros Municipais e Zonais. Os antigos filiados têm até a data dos Encontros para renovarem seu compromisso. Nosso objetivo é que cada filiado, novo ou antigo, receba os documentos básicos do partido, uma carteirinha de identificação, atualizando (possivelmente com uma anuidade) sua contribuição financeira.

Caberá ao Diretório Nacional de fevereiro aprovar os aspectos restantes da campanha: critérios de contribuição financeira, detalhamento dos critérios para os encontros etc. A renovação do compromisso dos filiados é um momento privilegiado para comemorarmos os 15 anos do PT. Vamos realizar a campanha enfrentando o desafio de uma grande campanha de filiação e de afirmação do papel do PT na sociedade brasileira. Discutir o partido, seus documentos fundamentais, debater nosso projeto e abrir perspectivas para o futuro.

A partir do dia 10 de fevereiro com o lançamento nacional fica aberto o calendário da Campanha. Dia 9 de março, no programa nacional de rádio e TV, faremos o chamado para a filiação e os antigos filiados. Os meses de março e abril devem ser dedicados a atividades de renovação das filiações em todos os estados. O Encontro Nacional, em agosto, será o marco de todo um processo que busca, neste ano de 1995, realizar a renovação do nosso compromisso partidário e a reafirmação do projeto socialista do PT para o Brasil.

Tatau Godinho
Secretária de Organização

E a Folha não se cansa...

O jornal *Folha de S. Paulo*, em edição do dia 19 de dezembro, faz algumas considerações sobre o livro "Combate a Inflação, Plano Real e Campanha Eleitoral", assinado por cinco economistas. A matéria "Petistas apontam culpados por derrota" faz referências à maneira como Aloízio Mercadante e "seu grupo, desinformaram o comando da campanha" sobre o Plano Real. Os companheiros Gilberto Carvalho, Rui Falcão e Luiz Inácio Lula da Silva, em resposta à matéria, fizeram a seguinte nota:

"A Comissão Executiva Nacional, através de seminários e publicações, tem estimulado o debate interno em torno da avaliação da campanha eleitoral, bem como sobre o futuro do PT.

Nos próximos meses, estaremos

promovendo uma ampla discussão sobre a atualização da nossa estratégia, a reorganização partidária e a renovação das direções. Como sempre, o confronto de idéias e a explicitação de diferenças serão marcadas pela fraternidade e pela ética.

Por isso mesmo, não podemos concordar com a manipulação de uma certa imprensa, que tenta transformar o debate interno — legítimo e necessário — numa busca de supostos culpados pela nossa derrota eleitoral na campanha presidencial, a exemplo do que ocorreu recentemente numa reportagem da *Folha de S. Paulo*, envolvendo os companheiros Aloízio Mercadante e Maria da Conceição Tavares."

Gilberto Carvalho

Rui Falcão

Luiz Inácio Lula da Silva

Calendário 1995

Encontros	Reuniões
Encontros Municipais Data limite: 11 de junho	Diretório Nacional 11 e 12 de fevereiro
Encontros Setoriais Estaduais Data limite: 25 de junho (após os encontros municipais)	1º e 2 de abril 6 e 7 de maio 1º e 2 de julho 16 de agosto
Encontros Estaduais Data limite: 30 de julho	Executiva Nacional 26 e 27 de janeiro
Encontros Setoriais Nacionais Data limite: 10 de agosto (após os encontros estaduais)	20 de fevereiro 13 de março 24 de abril 22 de maio
Encontro Nacional de 17 a 20 de agosto	12 de junho 17 de julho

Programas Nacionais de TV

1º Semestre - 9 de março (quinta-feira)

2º Semestre - 14 de setembro (quinta-feira)

Observações: 1) Novas filiações: até 11 de maio; 2) A regulamentação dos Encontros Setoriais, Municipais, Estaduais e Nacional será aprovada na reunião do Diretório Nacional de fevereiro de 1995

Weffort: do PT para FHC

Um dos coordenadores da campanha Lula 94, o cientista político Francisco Weffort, pediu, no dia 14 de dezembro, seu desligamento do Partido dos Trabalhadores, do qual ele foi um dos fundadores em 1980. Weffort aceitou o convite do presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, para assumir o Ministério da Cultura. Logo após as eleições do segundo turno, numa conversa com Lula e Gilberto Carvalho, secretário-geral do PT, Weffort já havia comunicado sua intenção de se afastar do partido. Segundo Gilberto Carvalho, um dos motivos para o afastamento seria a falta de espaço de atuação no partido. No entender de Weffort, isso se devia ao fato de ele não ser um quadro orgânico, não ser membro de nenhuma das tendências organizadas no interior do PT, ou seja, não se sentia atuante. Além disso, ele tinha planos de viajar e permanecer alguns meses de 1995 nos Estados Unidos.

Na tentativa de contra-argumentar essa posição, Lula e Gilberto lembraram ao futuro ministro que além de ele ter sido secretário-geral e secretário de relações internacionais do PT, foi um dos coordenadores do Programa de Governo e participou da coordenação da Campanha Lula 94, na qual ainda coordenou o grupo de acompanhamento da conjuntura. "Nós não víamos essa falta de espaço — diz Gilberto Carvalho — e as divergências no PT fazem parte da nossa constituição e do nosso funcionamento".

Na conversa, ele acabou acei-

tando a proposta colocada por Lula e Gilberto de debater o assunto novamente após sua viagem aos EUA.

No dia 8 de dezembro, Lula voltou a ser procurado por Weffort. Desta vez, era para contar que estava sendo sondado por FHC para ocupar a pasta da Cultura e discutir como seria a tramitação da questão junto ao PT. Gilberto lembra que, após uma "natural ponderação de Lula para que Weffort não fosse para o Ministério, o melhor caminho seria, caso aceitasse o convite, solicitar seu afastamento do PT". A desfiliação, segundo o secretário-geral do PT, "pouparia o partido de um processo semelhante ao que já vivemos em outros momentos, em particular no da companheira Luiza Erundina", que aceitou participar do governo Itamar contra a posição do PT.

O PT e a relação com o Ministro da Cultura

A busca de Weffort em montar seu programa — há duas semanas ele participou de uma reunião com artistas no Rio de Janeiro — abre, na avaliação de Gilberto Carvalho, uma dificuldade no meio cultural para o PT. "Nós temos um Programa muito bem elaborado por nossos companheiros e o Weffort, quer queira, quer não queira, mesmo se desligando, é identificado como alguém do PT. E essa ambiguidade é que vamos ter de esclarecer".

Na opinião do secretário-geral petista, pelo menos três pontos estão claros. "Primeiro: a ida de Weffort para o governo é uma decisão unilateral. O ato de desfiliação é uma marca desse critério — não há, por-

São Paulo, 14 de dezembro de 1994.

Gilberto Carvalho
Secretário Geral Nacional
Partido dos Trabalhadores - PT

Prezado Gilberto:

Tenho a honra de escrever-lhe para solicitar a minha desfiliação do PT.

Conforme informei ao Lula na semana passada, decidi aceitar o honroso convite que me fez o Presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, para participar do seu governo no Ministério da Cultura.

A solicitação que ora lhe apresento me parece o caminho natural na circunstância, tendo em conta decisão do PT contrária à participação no governo. Além disso, atende também anteriores intenções minhas de desfiliar-me, manifestadas a você e ao Lula antes mesmo do convite que menciono acima.

Agradecendo a gentileza da sua atenção, renovo-lhe, nesta oportunidade, meus protestos de alta consideração e estima.

Francisco Weffort

tanto, nenhum compromisso do partido com esse governo nem com esse Ministério. Segundo: reafirmei a Weffort a posição do PT frente ao governo FHC — o partido será oposição, inclusive ao seu Ministério. Terceiro: elaboramos um Programa de Cultura e não nos furtaremos a apresentá-lo publicamente para a sociedade e para o Ministro. Nós vamos disputar esse Programa".

Um ex-petista no governo FHC

Na afirmação de Gilberto Carvalho, "os companheiros da área cultural estabelecerão com Weffort uma relação de oposição e, ao mesmo tempo, de propostas. O posicionamento mais crítico dependerá do comportamento de Weffort enquanto Ministro".

O que fica evidente na ação de Fernando Henrique Cardoso em nomear Francisco Weffort, na avaliação de Gilberto, é a tentativa do presidente eleito dar ao seu governo uma roupagem de esquerda — uma política de compensação aos ministérios centrais que serão ocupados pelas forças conservadoras. "Isso, evidentemente, cria uma certa confusão e da nossa parte é quase uma postura de esclarecer a situação. O desafio, agora, é o da gente manter nossa articulação no meio cultural para que não haja um processo de cooptação em escala. O diálogo com o Ministério da Cultura deverá ser organizado e, ao mesmo tempo, vamos disputar nosso programa com a sociedade", finaliza Gilberto.

1980-1995

A festa dos 15 anos do PT

Em 10 de fevereiro de 1995 o Partido dos Trabalhadores vai completar quinze anos de idade. Não é o caso aqui de reconstituir a nossa história. Mas vale a pena registrar que nestes poucos anos de existência, nosso partido se firmou como perspectiva orgânica e política para a esquerda, contribuiu decisivamente para a construção da democracia e em especial para a organização dos trabalhadores, e acumulou uma farta experiência de luta, de organização, de governo e de parlamento.

Amargamos também algumas derrotas, somos afetados pela crise do socialismo a nível mundial e vivemos dificuldades políticas e organizativas. Neste 15º aniversário, temos muito para comemorar e muito para refletir. Por isso é que definimos um período de comemorações que vai se estender do dia 10 de fevereiro de 1995 até a abertura do Encontro Nacional, já marcado para o dia 17 de agosto de 1995.

Vamos combinar e sintonizar as comemorações com a campanha de filiação/refiliação e com a preparação dos encontros em todos os níveis. Durante esse período, o Diretório Nacional do PT vai se responsabilizar por alguns eventos de caráter nacional e



Dezembro de 1980: o PT entrega o pedido de registro provisório no TSE

vai fornecer aos petistas de todo o Brasil instrumentos que facilitarão a organização de atividades locais.

Estrela de ouro

O primeiro evento nacional será no próprio dia 10 de fevereiro, em São Paulo. Trata-se de um ato político durante o qual serão feitas as primeiras filiações e refiliações. No mesmo dia será lançada a estrela comemorativa que servirá também para arrecadação de recursos financeiros. Estarão disponíveis três tipos de estrelas: de metal esmaltado, folheada a prata e folheada a ouro.

No próprio dia 10, que é uma sexta-feira, ou nos dias 11 e 12 de fevereiro, em todo o Brasil, por iniciativa de diretórios e núcleos, o PT vai estar em festa, comemorando com alguma atividade que esteja de acordo com as particulari-

dades e os costumes locais.

O segundo evento nacional vai ser o programa de TV, já marcado para o dia 9 de março. É claro que o programa não vai tratar só do aniversário. Ele será uma referência tanto para as comemorações, como para a campanha de

filiação/refiliação e para a atuação política do partido.

A partir do programa nacional de TV, quando já estará divulgado o calendário de eventos nacionais, as comemorações deverão continuar em todo o Brasil, com exposições, seminários, debates, circuitos, palestras, cursos, festas, quermesses e outras iniciativas sintonizadas com os eventos e com os temas nacionais.

Esperamos receber sugestões e contar com a participação de todos. Nós podemos fazer desta festa um convite a militância política e a valorização da construção partidária.

Clara Ant,
da Comissão Executiva
Nacional do PT

CALENDÁRIO DE COMEMORAÇÕES

10 de fevereiro

Ato nacional em São Paulo:

- ☆ início da campanha de filiações/refiliações
- ☆ lançamento da estrela comemorativa
- ☆ divulgação do calendário de comemorações

10, 11 ou 12 de fevereiro

☆ PT em festa em todo o Brasil. Comemorações organizadas de acordo com as particularidades e os costumes locais

9 de março

☆ Programa nacional de TV

Envie suas sugestões para: DN-PT. A/C Clara Ant
Rua Conselheiro Nebias, nº 1052 — Campos
Elíseos — São Paulo - SP — CEP 01203-002